

# ***LITERATURA INFANTIL: CONTOS E RECONTOS DO MEIO AMBIENTE PANTANEIRO NA OBRA CAÇADAS DE PEDRINHO DE MONTEIRO LOBATO***

---

*Solange Andrade Ribeiro (UFMS)*

**RESUMO:** O presente artigo apresenta uma parte de um projeto didático. Objetiva-se identificar, a partir da perspectiva histórico-cultural e da teoria da representação social, as representações da cultura e do meio ambiente pantaneiro contidas na obra *Caçadas de Pedrinho* de Monteiro Lobato. Os resultados mostraram que as representações contidas na referida obra estão associadas à relação natureza/humano, com o entrelaçamento das subjetividades infantis e adultas. Entre outras considerações, concluiu-se que a obra se constitui a partir de diálogos e imagens e, nesse processo, produz novas relações de linguagens, outras representações do mundo real, da natureza e da relação homem/meio, representações capazes de criar novos conhecimentos sobre a natureza, a cultura e as interferências humanas, criando novos significados em relação aos diferentes ambientes.

**Palavras-chave:** Cultura e Meio Ambiente Pantaneiro. Subjetividades. Literatura infantil. Monteiro Lobato.

## ***CHILDREN'S LITERATURE: TELLING AND RETELLING TALES ABOUT THE LOWLAND (PANTANAL) ENVIRONMENT IN MONTEIRO LOBATO'S BOOK "PEDRINHO'S HUNTS"***

**ABSTRACT:** This article presents a portion of a didactical project. It aims at identifying, from the historical and cultural perspective and the theory of social representation, the cultural and environmental representations of the "*Pantanal*" contained in Monteiro Lobato's book, "*Pedrinho's Hunts (Caçadas de Pedrinho)*". The results demonstrated that the representations contained in the aforementioned book are associated with the nature/human relationship, with the interlacing of childhood and adult subjectivities. Among other considerations, we have concluded that the book is constituted from dialogs and images, and in this process, produce new language relationships, other representations of the real world, of nature and the man/environment relationship, representations which are capable of creating new knowledge about nature, culture and human interference, creating new meanings regarding different environment.

**Keywords:** Pantanal culture and environment. Subjectivity. Children's literature. Monteiro Lobato

## Introdução

O presente artigo visa apresentar uma parte do projeto didático desenvolvido durante a especialização em Mídias na Educação com alunos da Educação Infantil da rede municipal de ensino do município de Campo Grande (MS) no ano de 2009 e 2010. Objetiva-se apresentar as possibilidades de se trabalhar a literatura como tema gerador na compreensão da cultura e do meio ambiente pantaneiro expressa na obra de Monteiro Lobato.

Pretende-se, a partir da perspectiva histórico-cultural e da teoria da representação social, analisar as representações sobre o meio ambiente na obra *Caçadas de Pedrinho*, de Monteiro Lobato e na série televisiva *Sítio do Pica-Pau Amarelo*, destacando como as mesmas produzem significados no imaginário infantil sobre a cultura e o meio ambiente pantaneiro.

No início do projeto, o foco estava voltado para a compreensão do meio ambiente pantaneiro, valorizando o conhecimento desse espaço e a sua preservação e objetivava-se a utilização das mídias para esse fim. Porém, no decorrer do processo, as informações levantadas pelo trabalho direcionaram a análise para as representações da cultura e do meio ambiente pantaneiro expressas na mídia e na referida obra de Monteiro Lobato.

Esse artigo apresenta, inicialmente, uma breve caracterização do Pantanal e as relações entre a tríade sociedade, educação e cultura pantaneira. Na sequência, aponta-se a relevância da perspectiva histórico-cultural para o estudo da cultura e do meio ambiente pantaneiro, entrelaçando com algumas considerações a respeito da teoria da representação social. Apresenta os pilares epistemológicos da cultura, na literatura e na mídia, e os pressupostos metodológicos da pesquisa, seguidos da discussão e da análise dos dados. Por fim, são tecidas as considerações finais.

## Cenário: ambiente pantaneiro

O Complexo do Pantanal, ou simplesmente Pantanal, constitui um bioma formado por uma savana estépica, alagada em sua maior parte, com aproximadamente 250 mil Km<sup>2</sup> de extensão, altitude média de 100 metros, situado ao sul de Mato Grosso e no

noroeste de Mato Grosso do Sul, ambos estados do Brasil, englobando o norte do Paraguai e leste da Bolívia (denominado de chaco boliviano).

O Pantanal é considerado pela UNESCO Patrimônio Natural Mundial e Reserva da Biosfera. Possui uma das maiores extensões úmidas contínuas do planeta, com 65% de seu território situado no estado de Mato Grosso do Sul e 35%, no Mato Grosso. É importante mencionar o que estudiosos enfatizam: dificilmente pode ser estabelecido um cálculo exato de suas dimensões, porque há dificuldades em estabelecer onde começa e onde termina o Pantanal e as regiões que o circundam, devido às modificações provocadas pelas estações de seca e de águas.

O Pantanal é singular com seus ciclos e movimentos que delineiam não apenas a paisagem natural pantaneira como também os modos de vida humana. Para habitar essa região, o homem precisou adaptar-se ao meio, compreendendo-o, para depois relacionar-se, o que originou uma cultura específica desses homens<sup>i</sup> que habitam essa região. Nesse sentido, enfatiza-se que estudar o meio ambiente pantaneiro remete a estudar as vicissitudes naturais, culturais e sociais, ou seja, olhar não apenas a natureza, mas o homem nas suas relações com o seu entorno natural (URT, 2006).

## Cultura Pantaneira: a relação entre sujeito e conhecimento

Identificado perfeitamente com aquela natureza que tão bem conhece e interpreta, o pantaneiro parece estar ouvindo vozes imperceptíveis, apelos inaudíveis vindos do farfalhar das palmas e folhas, na mágica tradução do canto dos pássaros, no berro suplicante da vaca, no urro distante da onça que mora na mata do rio. (BARROS, 1990, p. 56).

Sempre que pensamos ou falamos no Pantanal, logo nos remetemos ao que lhe é singular, 'sua exuberância natural'. Quando nos propomos a trabalhar o Pantanal em um projeto didático que integrava as diferentes mídias, no contexto da educação infantil, tínhamos conhecimento de nossas limitações e possibilidades; o que não nos ocorreu foi a intrínseca relação entre o conhecimento da cultura pantaneira no processo educativo e no desenvolvimento da criança em nosso contexto regional.

O conhecimento do meio natural não é apenas um ato de exploração humana, mas uma construção histórica que os sujeitos desenvolvem nas suas relações enquanto grupos, que se organizam e transformam as condições objetivas desse meio em condições naturais, sociais e culturais de existência. Nesse sentido, a construção da identidade se dá no processo de constituição do sujeito a partir de suas relações culturais e sociais, que se constitui por meio de suas trajetórias individuais e coletivas, reflexo de sua história de vida (GONZALEZ REY, 2004).

A educação tem se constituído em um instrumento imprescindível no decorrer desse processo de adaptação do homem com o meio natural e o seu entorno social. De acordo com Leontiev (1978), o homem é um ser de natureza social, ou seja, tudo o que há de humano nele é iminente de sua vida em sociedade, encontra-se no bojo da cultura construída pela humanidade. E é na busca pelo seu desenvolvimento, na perspectiva de suprir suas necessidades que o homem atua sobre a natureza, transformando-a e transformando a si próprio.

Nessa perspectiva, podemos apreender que o indivíduo ao nascer precisa de dois elementos essenciais: os meios objetivos que a natureza lhe oferece e os meios constituídos culturalmente que a sociedade lhe é capaz de proporcionar. A criança, ao nascer, tem o seu conhecimento de mundo extremamente restrito, dadas as suas limitações e condições objetivas. O que insere essa criança no meio social é a ligação do homem à cultura.

Na concepção vygotskyana, o desenvolvimento humano se dá no processo de mediação, privilegiando a cultura como parte da natureza humana. Sob essa perspectiva, compreendemos que o ser humano cria formas de agir e interagir com o meio natural e social, a fim de compreendê-lo para que possa transformá-lo. “Nesse processo, o indivíduo ao mesmo tempo em que internaliza as formas culturais, as transforma e intervém em seu meio. É, portanto na relação dialética que o sujeito se constitui” (REGO, 2002, p.94).

Leontiev (1978) ressalta que a distinção entre o ser social e o ser natural que constitui o homem ocorre por meio das relações de trabalho consciente, fruto de uma atividade conduzida por uma finalidade que resultará em um produto social, que não é mais um objeto natural, mas se constitui em uma objetivação da atividade do pensamento do ser humano.

Em consonância com essa proposição, Vygotsky (2003, p. 124) afirma que: “[...] o homem revela necessariamente sua verdadeira habilidade criadora para encontrar suas relações com o outro homem”. Nesse sentido, podemos compreender que o ser

humano constitui-se enquanto tal na sua relação com o outro social e na sua relação com o mundo, mediada pelos instrumentos e símbolos desenvolvidos culturalmente.

A constituição do sujeito é, portanto, sempre um processo educativo, mesmo quando essa educação é realizada de maneira informal, pois a educação é mais do que sistematização e apropriação do conhecimento, pois o espaço educativo é uma prática social.

Dentro dessa análise, o espaço é essencial na construção das identidades coletivas e individuais, visto que os saberes e as práticas cotidianas são constituídos pelos elementos naturais e culturais que compõem uma determinada região e são enaltecidas pela escola. Portanto, as aquisições históricas são o resultado das apropriações que o homem faz de sua cultura e do seu meio e que, ao longo do desenvolvimento das gerações, vão ganhando significados e vão sendo transformadas em conhecimentos científicos ou culturalmente válidos.

Os saberes culturais que permeiam as relações do homem com o meio ambiente são extremamente necessários no âmbito da educação, principalmente quando trabalhamos com a primeira infância, uma vez que temos o desafio de formar uma geração preparada para preservar o meio ambiente. Os saberes estabelecidos pela apropriação do ambiente são essenciais para a agregação do valor e significado da identidade sócio-cultural e ambiental dos sujeitos que compõem a sociedade sul-mato-grossense.

Nesse sentido, os preceitos da educação que partem das situações cotidianas dos alunos levam-nos à compreensão de que os saberes culturais que levam em consideração as interações entre as crianças e o meio ambiente são altamente necessários quando discutimos a educação no estado de Mato Grosso do Sul, tendo em vista o descaso presente em muitos ecossistemas da região. Devemos buscar, nos costumes da cultura regional, formas de melhorar a qualidade de ensino e a conscientização ambiental das pessoas que aqui vivem.

A compreensão do homem pantaneiro não deve emergir apenas daqueles que no Pantanal residem; todos nós, sul-mato-grossenses, temos que compreender e valorizar não apenas o nosso entorno natural, mas toda dinâmica que nele se completa, considerando que é na relação entre o homem e a natureza que temos o há de mais singular: o Pantanal sul-mato-grossense com todos os seus sons e cores, como encontramos no excerto de Barros.

Nesse sentido, compreende-se que o ser humano constitui-se enquanto tal na sua relação com o outro social e na sua relação com o mundo, mediada pelos instrumentos e símbolos desenvolvidos culturalmente, (VIGOTSKY, 2003). A constituição do sujeito é, portanto, sempre um processo educativo, mesmo quando essa educação é realizada de maneira informal. A educação é mais do que sistematização e apropriação do conhecimento, pois o espaço educativo quer seja no meio familiar, na escola, ou em outros contextos da sociedade é sempre uma prática social.

## Pontos e contrapontos: um diálogo entre Vygotsky e Fernando Gonzalez Reys

Temos na confluência entre os sentidos e significados do que denominamos de subjetividade na perspectiva Histórico-Cultural por meio do autor contemporâneo Fernando Gonzalez Reys, a premissa de oferecer contribuições ao processo educativo e à compreensão da cultura escolar no contexto da sociedade atual.

A educação marxista, a psicologia histórico-cultural e a teoria da subjetividade de Fernando González Rey trazem contribuições para o conhecimento do homem e de seu processo ensino-aprendizagem de uma maneira integral e contextualizada.

O homem é produto do seu entorno social; a perspectiva histórico-cultural da psicologia ressalta que a constituição do sujeito é fruto de um longo processo de aprendizagem e desenvolvimento. Nesse sentido, o homem produz sua própria existência material, por meio da apropriação cultural; o sujeito tem a sua identidade forjada a partir das relações culturais que ele estabelece ao longo de sua vida.

Em virtude disso, torna-se importante ponderar sobre as influências culturais às quais o sujeito se vê exposto, para que possamos apreender nesse contexto como ele identifica a si próprio e ao outro ser social, e como ocorrem as transformações nesse movimento de constituição do sujeito histórico, datado e situado dentro de um grupo social. O sujeito da ação vai transformando-se, ao longo de sua vida, por meio do trabalho.

É por meio desse movimento que o homem vai se apropriando dos bens culturais, à medida que ele participa e também produz não apenas cultura, mas também formas de atividade social, gerando disposições especificamente humanas.

Portanto, as aquisições históricas são resultado do desenvolvimento das gerações humanas.

Desse modo, a constituição do sujeito é, conseqüentemente, resultado de um processo educativo, haja vista que o espaço educativo existe no interior da prática social, e ocorre por meio da relação de quem aprende com quem faz a mediação do conhecimento. De acordo com Gonzalez Rey (1999), o objetivo da educação não é, simplesmente, o de efetivar um saber no aluno, mas procurar o desenvolvimento desse aluno como personalidade, como sujeito, centrando os processos de subjetivação associados a esse saber.

É nessa perspectiva que enfatizamos que a aprendizagem pode ser compreendida em sua dimensão subjetiva (GONZALEZ REY, 2003), por ser uma ação singular do sujeito que aprende, considerando que os sentidos e significados são dimensões particulares do sujeito aprendente e fazem parte da história de vida desse sujeito. Para o referido autor, os sentidos subjetivos constituem-se em sistemas motivacionais que comportam representar o envolvimento afetivo do sujeito em uma atividade.

A tese da constituição desse sujeito da aprendizagem confirma o pressuposto de que a constituição do sujeito se dá pela natureza histórico-social do indivíduo. Não se trata de uma constituição pré-estabelecida, pois o sujeito vai se constituindo por diversas formas, em todo momento de sua vida, dependendo das condições objetivas e subjetivas que lhe são colocadas à disposição.

Na concepção vygotskyana, organismo e meio determinam-se mutuamente; assim sendo, o biológico e o social são indissociáveis, pois exercem influência recíproca. Nesse sentido, a premissa é de que o homem constitui-se por meio de suas interações sociais.

Na perspectiva histórico-cultural, construir conhecimentos implica uma ação partilhada, posto que é por meio do (s) outro (s) que as relações entre sujeito e objeto de conhecimento são estabelecidas. Diante do exposto, a concepção de educação ora apresentada é um processo dinâmico de apropriação dos conhecimentos acumulados. O sujeito assimila pausadamente a experiência histórico-social com a qual entra em contato em suas relações sociais; esse lento processo de aprendizagem e desenvolvimento constitui o sujeito.

A compreensão da subjetividade social permite a superação da visão do indivíduo como conjunto de processos fragmentados, “susceptíveis de serem desenvolvidos por técnicas e métodos

pontuais próprios do arsenal de processos didático-pedagógicos”. (GONZÁLEZ REY, 1999, p. 108-110). Esse autor afirma que a subjetividade social “está constituída tanto no sujeito individual, como nos diferentes espaços sociais em que este vive, sendo ambos constituintes da subjetividade”. (GONZÁLEZ REY, 2005, p. 24).

O espaço de sala de aula deve ser visto como um espaço coletivo de participação, de diálogo não só do professor, dos alunos entre si, respeitando-se ritmos e espaços diferenciados. Conceber a educação como processo subjetivo e completo adquire outro tipo de sentido para os sujeitos individuais concretos, qual seja: “a sala de aula deve ser um espaço que estimule as diferenças, que estimule o aluno em sua condição de sujeito individual a desenvolver se em suas características próprias, em suas necessidades. O aluno, enquanto sujeito, deve ser visto como produtor, um criador, condição que deve ser estimulada na educação. (GONZÁLEZ REY, 1999, p. 110-111).

O pensamento propriamente dito é gerado pela motivação, isto é, por nossos desejos e necessidades, nossos interesses e emoções e, de acordo com Vygotsky (1987, p. 129),

[...] por trás de cada pensamento há uma tendência afetivo-volitiva, que traz em si a resposta ao último ‘porquê’ de nossa análise de pensamento. Uma compreensão verdadeira do pensamento de outrem só [é possível] quando entendemos sua base afetivo-volitiva.

Para González Rey (2004, p.11), um dos maiores méritos de Vygotsky foi a

[...] valorização das emoções e seu esforço em integrá-las a uma concepção integral da psique como produção social e cultural, mesmo que em certas ocasiões ceda a uma representação mais cognitiva e intelectualista da psique.

Vygotsky (1987, p. 6) faz uma crítica à forma como a psicologia tradicional separou o intelecto do afeto, apresentando os pensamentos como “pensamentos que pensam por si próprios”, separados “da plenitude da vida, das necessidades e dos interesses pessoais, das inclinações e dos impulsos daquele que pensa” (p. 6). Dessa forma, continua o autor,

[...] fecham-se as portas à questão da causa e origem de nossos pensamentos, uma vez que a análise determinista exigiria o esclarecimento das forças motrizes que dirigem o pensamento para esse ou aquele canal. Justamente por isso, a antiga abordagem impede qualquer estudo fecundo do processo inverso, ou seja, a influência do

pensamento sobre o afeto e a volição. (VYGOTSKY, 1987, p.6-7).

Para a superação desse problema, Vygotsky (1987, p.7) sugere o método de análise em unidades, que “demonstra a existência de um sistema dinâmico de significados em que o afetivo e o intelectual se unem”. Mostra que cada idéia contém uma atitude afetiva transmutada com relação ao fragmento de realidade ao qual se refere.

Segundo González Rey (2004, p. 11-12), ao enfatizar a importância das emoções integrando-a na organização da psique humana, Vygotsky aproximou-se do conceito de sentido. Vygotsky defende a idéia de que a emoção não é um elemento isolado, senão o resultado de uma organização particular dos processos mentais. O sentido vai integrar também a personalidade e a compreensão da palavra, integrando de forma fluida o cognitivo e o afetivo dentro de uma mesma definição qualitativa.

O sentido, para Vygotsky (1987, p. 275), é “uma formação complexa, dinâmica e fluida que possui várias zonas que variam na sua estabilidade”. De acordo com o autor, o sentido de uma palavra depende da compreensão da palavra como um todo e da estrutura interna da personalidade. Sobre esta afirmação de Vygotsky (1987), González Rey (2004) ressalta que, de forma geral, o problema não é a unidade de afeto e intelecto como tal, mas a realização desta unidade na forma de um sistema dinâmico de sentidos que abarque a dinâmica de pensamento, assim como a dinâmica de comportamento e da atividade concreta da personalidade. O autor ainda ressalta o lugar central que Vygotsky começava a dar ao sentido dentro da representação do sistema da psique, em que a unidade do afetivo e do cognitivo deixava de ser uma unidade pontual para converter-se no princípio de organização dos sistemas de sentido que integravam os diferentes sistemas da psique humana.

Para Vygotsky (1987, p. 125), o sentido de uma palavra é “a soma de todos os eventos psicológicos que a palavra desperta em nossa consciência. É um todo complexo, fluido e dinâmico, que tem várias zonas de estabilidade desigual”. Já o significado,

[...] é apenas uma das zonas do sentido, a mais estável e precisa. Uma palavra adquire o seu sentido no contexto em que surge: em contextos diferentes, altera o seu sentido. O significado permanece estável ao longo de todas as alterações do sentido. O significado dicionarizado de uma palavra nada mais é do que uma pedra no edifício do sentido, não passa de uma potencialidade que se realiza de formas diversas na fala. (VYGOTSKY, 1987, p. 125).

O autor afirma, ainda, que o sentido pode modificar as palavras, ou seja, que “as ideias frequentemente mudam de nome” (VYGOTSKY, 1987, p. 126). O sentido de uma palavra está relacionado a toda a palavra e o sentido da frase, a toda a frase. A palavra pode, em algumas situações, ser substituída por outra, sem que o seu sentido seja alterado.

A psicologia histórico-cultural, ao considerar que o homem é um produtor de sentidos, faz com a aprendizagem supere as dicotomias dos desenvolvimentos históricos da psicologia, integrando-as simultaneamente no processo de aprendizagem.

As categorias de sentido e significado, importantes conceitos dentro da psicologia histórico-cultural, que permitem a compreensão intrínseca do homem ganham novas ampliações na perspectiva de Gonzalez Rey. Entretanto, para este autor, a categoria de sentido subjetivo é muito mais ampla e profunda do que a apresentada por Vygotsky. Sentido e significado, para González Rey (2001), constituem-se em uma relação indivisível entre a produção de sentido e os múltiplos espaços de configuração subjetiva, sendo um momento de síntese.

[É] um tipo de atividade auto-organizada da subjetividade que se caracteriza por uma integração de significados e processos simbólicos em geral e de emoções, nas quais um elemento não está determinado pelos outros, embora tenha a capacidade de evocar os outros. (GONZÁLEZ REY, 2004, p. 17).

Este autor entende por subjetividade “a organização dos processos de sentido e significação que aparecem e se organizam de diferentes formas e em diferentes níveis no sujeito e na personalidade, assim como nos diferentes espaços sociais em que o sujeito atua”. (GONZÁLEZ REY, 1999, p.108).

## Os pilares epistemológicos da cultura na literatura e na mídia

Salienta-se que as representações que condicionam os saberes, assim como as práticas sociais que são constituídas no interior da sociedade, são frutos de um processo vivo e mutante que proporciona ao sujeito um arcabouço cultural próprio. Esses saberes são frutos das práticas culturais e sociais que permitem ao sujeito posicionar-se em relação às outras pessoas com as quais se

relaciona. Essas representações e saberes perpassam os instrumentos educacionais presentes na sociedade.

A literatura traz em seu cerne desde ensinamentos diretos, objetivos até traços e características de indivíduos ou situações que, somados às experiências de cada um, podem contribuir para ampliar as ideias culturais das crianças. Nesse âmbito, a literatura infantil apresenta-se não somente como veículo de manifestação cultural, mas também como instrumento mediador entre o sujeito e o sistema de ideias que compõe o todo social.

A linguagem, por si só, constitui-se em um instrumento de interação entre o pensamento humano e seu meio. Nos dias atuais, essa comunicação pode ocorrer de modo direto ou pode ser mediada por outros instrumentos e artefatos como as tecnologias de informação e comunicação.

Almeida (2000) discute a questão relacionada ao avanço do desenvolvimento tecnológico e a responsabilidade da escola por propiciar o conhecimento das tecnologias a alunos e professores. Nesse sentido, as mídias passam a configurar novas maneiras para os indivíduos ampliarem suas possibilidades de expressão, constituindo novas interfaces para captarem e interagirem com o mundo. Nas relações entre a literatura e a tecnologia, a educação ambiental captura informações de como os seres humanos percebem, experienciam e concebem seus ambientes, expondo as relações de saberes envolvidas na construção histórico-social do conhecimento.

Trazendo essa ideia para as obras de Monteiro Lobato, descobrem-se histórias com personagens brasileiros que contemplam características da região pantaneira, sendo estes personagens colocados em circunstâncias experimentais em que estão envolvidas uma ou mais representações de mundo em ação, inclusive representações de conhecimentos científicos. Embora tecida com matéria prima regional, a magia das histórias de Monteiro Lobato conserva, entre outros aspectos, seu caráter universal, colocando as crianças em contato com as múltiplas culturas existentes.

## Pressupostos metodológicos

A presente pesquisa ocorreu no Centro de Educação Infantil Triângulo Azul, no município de Campo Grande, estado de Mato Grosso do Sul entre os meses de fevereiro a junho do ano de 2010.

Na sala de aula investigada foram observados vinte e cinco (25) alunos matriculados, sujeitos desse estudo.

Inicialmente foi realizada uma pesquisa exploratória, no intuito de levantar pesquisas e relatos de experiências que contemplassem a mesma temática proposta. Para tanto, pautou-se na abordagem qualitativa, no estudo de caso com características da etnografia, em que o pesquisador precisa ter claro qual o seu objeto de observação, o que e como observar. “Na medida em que o observador acompanha as experiências diárias dos sujeitos, pode tentar apreender a sua visão de mundo, isto é, o significado que eles atribuem à realidade que os cerca e às suas próprias ações”. (LÜDKE; ANDRÉ, 2004, p. 26).

Os procedimentos em princípio basearam-se na pesquisa bibliográfica. A partir de um levantamento bibliográfico, selecionou-se o material a ser trabalhado: artigos científicos, teses e obras pertinentes ao tema, bem como os recursos que foram utilizados na pesquisa de campo. A leitura e análise do material estenderam-se durante toda a investigação, tendo em vista não só uma revisão do que foi produzido, mas também a definição de conteúdos necessários à leitura e análise de outros resultados obtidos pela pesquisa de campo.

A coleta de dados dessa pesquisa abrangeu várias etapas. Primeiramente, foi feito um levantamento temático para definir o tema em questão, a partir do interesse dos próprios alunos. E, a partir da literatura infantil, chegou-se ao trabalho com o meio ambiente pantaneiro e ao tema em questão.

No segundo momento, buscou-se conhecer a produção de conhecimento sobre o assunto, por meio de estudo sobre o estado da arte, no banco de teses da CAPES e da ANPed. Dos treze trabalhos encontrados para o estado do conhecimento, sete trataram especificamente das representações: dois sobre as representações nas mídias; três sobre as representações de professores a respeito do meio ambiente, da literatura e da infância e dois trabalhos relacionados às questões étnicas.

Conforme mostra a tabela 01, a seguir, três trabalhos abordaram a questão ambiental na literatura, tendo por análise as obras para adultos.

Tabela 01 – Trabalhos encontrados na CAPES E na ANPed

TRABALHOS ENCONTRADOS/TEMÁTICAS					
	Mídias	Professores e meio ambiente	Questões étnicas	Questão ambiental nas literaturas	Total
Representações	02	03	02		07
Outros				03	03
<b>Totais</b>	02	03	02	03	10

Tabela organizada por Ribeiro (2010).

Por fim, três trabalhos privilegiaram as obras de Monteiro Lobato a respeito dos significados imagéticos contidos no site do *Sítio do Pica Pau Amarelo* e acerca da produção e revisão textual na obra *Os doze trabalhos de Hércules*, conforme pode ser visualizado na tabela 02.

Tabela 02 – Trabalhos / Monteiro Lobato ou Sítio do Pica Pau Amarelo

TRABALHOS SOBRE MONTEIRO LOBATO OU SÍTIO DO PICA PAU AMARELO				
Autor	Título	Tipo de trabalho	Assunto	Referencial teórico
<b>Andreia Vedoin Cielo</b>	Educação Ambiental, Representações Sociais E Formação De Professores(As): de volta a escola com Monteiro Lobato	Dissertação de Mestrado em Educação	Formação de professores	Teoria da Representação Social
<b>Danielle Cristine Santim de Oliveira</b>	Os doze trabalhos de Hércules: uma leitura do herói em Monteiro Lobato	Dissertação de Mestrado em Letras	Enredo literário no processo de produção e revisão textual do autor Monteiro Lobato.	Teoria Literária
<b>Alessandra Carusi Machado Bezerra</b>	Significações Imagéticas: um estudo do site do Sítio do Pica-Pau-Amarelo.	Dissertação de Mestrado em – Design	Sites infantis e tecnologias computacionais; semiótica	Abordagem semiótica
<b>Cristiane Festenseifer</b>	Lições de natureza no Sítio do Pica-pau Amarelo	Dissertação de Mestrado em Educação	Representações da natureza	Estudos Culturais e Análise do discurso

Tabela organizada por Ribeiro (2010).

O presente trabalho se distingue por ser direcionado à prática pedagógica em sala de aula, fazendo a articulação entre o referencial teórico histórico-cultural e situações práticas do dia a dia da sala de aula. Valoriza as possibilidades didáticas contidas na obra de Monteiro Lobato, bem como as representações que essas obras suscitam, por meio da análise da obra *Caçadas de Pedrinho* e dos recursos midiáticos da série televisiva e da coleção Monteiro Lobato (*Memórias de Emília* e *Caçadas de Pedrinho* e no site do *Sítio do Pica Pau Amarelo*).

Também foram consultados diversos vídeos produzidos, livros de poesias e entrevistas em publicações e sites. No terceiro momento, foram realizadas atividades práticas com alunos de quatro anos da educação infantil no ano de 2010, tais como oficinas de leituras, oficinas de arte e reciclagens, produção de vídeos, e registro em diários. Por fim, foi realizada a revisão da literatura, a análise dos dados produzidos nos cadernos de registro e vídeos criados para a produção do artigo científico, traduzido na escrita do texto que ora se apresenta.

Os dados ora apresentados são o resultado da análise da obra *Caçadas de Pedrinho* e dos recursos midiáticos da série televisiva da coleção Monteiro Lobato (*Memórias de Emília* e *Caçadas de Pedrinho*).

## Análise e discussão dos dados

A obra de Monteiro Lobato tem se firmado ao longo da história da literatura brasileira como um marco da literatura destinada ao público infantil. A escolha pela obra de Monteiro Lobato deve-se, primeiro, ao fato de existir uma coleção na biblioteca do Centro de Educação Infantil, e também porque as suas obras apresentam uma forte preocupação com as questões ambientais.

Um grande contributo para esse processo é a expansão dos meios de produção cultural para a infância, pois as novas tecnologias oportunizam a ampliação das experiências literárias, o que remete a uma compreensão de mundo cada vez maior. Os avanços tecnológicos tornam possível a utilização de diversas mídias no contexto educativo, desencadeando uma gama de apropriações simbólicas geradoras de representações.

O processo de criação cada vez mais envolvido pelas tecnologias digitais alimenta o imaginário das crianças. Nesse

sentido, a obra de Monteiro Lobato, adaptada para televisão em 2006, tem sido digna de estudos e de utilizações dentro do processo educativo.

A programação infantil é um espaço de projeções e identificações, em que os contos de fada servem para um encontro entre o mundo real e o imaginário da infância. Desse modo, as relações e representações, a partir das produções audiovisuais, possuem dimensões diferentes das produzidas pelo contato com a literatura. É possível apreender, por meio do trabalho com os audiovisuais (TV e meios digitais), a dimensão simbólica da imagem representada. A questão estética das imagens e efeitos produzidos contribui para os sistemas de abstração superiores realizadas pelas crianças. Vigotsky (1998) destaca a importância das imagens armazenadas pelas crianças na produção de novos sentidos, novos conceitos de mundo.

Para o referido autor, é a partir das imagens que as crianças são capazes de reelaborar concepções combinatórias adequadas, estruturantes das novas realidades em consonância com os seus desejos e necessidades. A série televisiva do *Sítio do Pica-Pau Amarelo*, bem como o site do mesmo, propicia uma reflexão constante sobre a relação homem/natureza.

O enaltecimento da natureza é construído em consonância com a obra original<sup>ii</sup>. A relação entre o urbano e o rural é tratada com detalhes, constituindo-se em uma rede de significados temporais que são passíveis de análise das crianças.

Em sua composição estética, a série televisiva e o site do Sítio do Pica-Pau Amarelo na internet possibilitam às crianças, por meio de suas imagens e interações sonoro-verbais, a identificação com o outro e com o imaginário existente além do real vivido.

O trabalho com as mídias televisivas e computacionais promovem um contato com o real; as crianças relacionam as mídias e as linguagens midiáticas como um elemento constitutivo da realidade; eles desempenham uma representação do real para o simbólico e, nesse processo internalizam novos conhecimentos que geram novos modos de agir e pensar. Por meio do trabalho com a literatura, as crianças partem do simbólico para o real, eles representam os valores, as normas, os comportamentos e as regras por meio da fantasia e das simbologias construídas a partir do conto literário.

Esses conhecimentos produzidos desencadeiam a percepção de temas geradores que possibilitam uma maior compreensão do contexto regional e dos aspectos que o singularizam, e isso compõe

um saber que parte dos modos de vida para os conhecimentos científicos e escolares.

## As representações da cultura e do meio ambiente pantaneiro na obra *Caçadas de Pedrinho* de Monteiro Lobato

No decorrer do desenvolvimento do projeto, trabalhou-se com cinco títulos da coleção Monteiro Lobato, a saber: *Caçadas de Pedrinho*, *O Saci*, *A Reforma da Natureza*, *Bichos Brasileiros e Aves*, disponíveis na biblioteca do Centro de Educação Infantil estudado. Os dados encontrados no decorrer de todo esse processo são numerosos e relevantes, em função das produções escritas e digitais resultantes. Entretanto, esse trabalho de conclusão restringe-se a um artigo limitado à escolha de uma obra para se fazer um recorte dos dados produzidos.

A escolha pelo livro *Caçadas de Pedrinho* deve-se, em primeiro lugar, pela preferência das crianças, e depois pelo enredo que compõe todas as histórias contempladas na obra, num misto de relações entre o meio ambiente e o homem, contemplando uma diversidade peculiar da região pantaneira. Ainda que no interior das histórias não se encontre a palavra Pantanal, encontraram-se características e animais que pertencem a essa região: “[...] No capoeirão dos Taquaruçus o Marquês de Rabicó escuta um miado que parece rugido [...] Aquilo só podia ser onça-pintada, e das grandes! [...] Numa floresta [...], foi visto, dentro de um cerrado de taquaruçus [...]” (LOBATO, 2008, p. 9-11).

Muitas dessas características e falas se constituíram em uma fonte riquíssima sobre as representações que circundam o Pantanal.

-Está louco Pedrinho? Não sabe que onça é um bicho feroz que come gente? (fala da menina Narizinho)- Sei, sim, como também sei que gente mata onça. (fala de Pedrinho) – Sabe Dona capivara, o que aconteceu à onça da Toca Fria? Morreu, disse o sagüi, fazendo uma carinha muito assustada. Morreu de quê sagüi?- Indagou a capivara. –De morte morrida ou de morte matada? –De morte matadíssima. Os meninos do sítio de Dona Benta, mataram-na a tiros, facadas e espetadas [...] A situação é bastante grave- disse por fim o animalão, depois de muito pensar e repensar. – Vejo que esses meninos constituem um grande perigo para nós aqui. Vou reunir uma assembléia de todos os bichos para discutirmos o caso. [...]. (LOBATO 2008, p. 22).

É relevante destacar que, para Moscovici (1978), as representações sociais se configuram como um modo de ação que produz comportamentos. Nesse sentido, é por meio das representações sociais que a humanidade produz a ordem social. Percebeu-se que as representações contidas na obra estão associadas à relação natureza/humano. Nelas são abordadas as relações interpessoais com o entrelaçamento das subjetividades infantis e adultas.

Ao se perscrutar a referida obra, pôde-se entendê-la no contexto do qual compartilham conceitos, explicações, ordens discursivas, formas normativas da natureza, da ciência, do conhecimento de mundo, que podem ser associadas à educação ambiental. Nas falas das personagens que compõem a obra, as questões ambientais aparecem por meio dos aspectos físicos e biológicos das personagens:

[...] No dia seguinte à tarde os animais foram chegando. Vieram as pacas, tão medrosinhas; vieram os veados ariscos; as antas pesadonas; os quatis sempre alegres e brincalhões; os cachorros-do-mato e as iraras de olhar duro; as jaguatiricas de movimentos macios. Vieram os tatus encapotados em suas cascas rijas [...]. Também vieram cobras [...]. (LOBATO 2008, p. 22).

A natureza é representada como um recurso disponível e irrestrito ao ser humano. É possível perceber as representações de uma natureza em constante ameaça pelas atividades humanas, e que as relações outrora desenvolvidas pela sociedade levaram ao aniquilamento de várias regiões e espécies.

Um jabuti adiantou-se e disse: - O meio que vejo é mudar-nos para outras terras. - Que terras? - Replicou a capivara. - Não há mais terras habitáveis neste país. Os homens andam a destruir todas as matas, a queimá-las, e reduzi-las a pastagem para bois e vacas. No meu tempo de menina podíamos caminhar cem dias e cem noites sem ver o fim da floresta. Agora quem caminha dois dias para qualquer lado que seja dá com o fim da mata. A ideia do jabuti não vale grande coisa. Impossível mudar-nos, porque não temos para onde ir. (LOBATO 2008, p. 23).

A natureza ainda aparece nessa obra como um lugar ameaçador para o homem, (especificamente para o grupo de crianças do Sítio do Pica-Pau Amarelo); há uma dicotomia entre a existência humana e a existência de um ecossistema 'natural'<sup>iii</sup>. Os animais são representados fora de uma cadeia alimentar na obra

literária; já na versão digital, a cadeia alimentar é apresentada. No entanto, nas duas versões essa relação alimentar é apresentada de forma dualista, o que leva à interpretação da existência de animais com personalidade má, cruel, agressiva, e animais dóceis.

[...] Declaremos guerra a eles. Reunamos todos os animais de dentes agudos e garras afiadas para um assalto ao sítio de Dona Benta. A capivara ficou pensativa. Isso de assaltar um sítio era realmente coisa que só onças e jaguatiricas podiam fazer, porque são animais guerreiros. – Sim disse a capivara-, a ideia não me parece de todo má, mas semelhante guerra só poderá ser feita por vocês, onças, ajudadas pelos cachorros-do-mato e iraras [...]- Pois que fique a luta a nosso cargo-disse a jaguatirica. Encarregar-me-ei de reunir todas as onças e jaguatiricas e cachorros-do-mato e iraras da floresta para um ataque ao sítio de Dona Benta. Havemos de vencer aqueles meninos e comer todos da casa-inclusive as duas velhas. [...] pensaram os animais. As onças fariam a guerra. Se vencessem, a bicharia inteira das selvas estariam salvas de novas incursões dos meninos. Se não vencessem, a vingança deles iria recair sobre as onças e não sobre as outras. (LOBATO 2008, p. 23).

Lobato (2008), por meio da literatura infantil, soube mostrar suas representações sobre as coisas do mundo. Na relação que faz entre o mundo real e o mundo da fantasia, o autor, por meio de representações sobre crenças, mitos, ciência e fantasias presentes no imaginário social, traz para a discussão importantes reflexões sobre temas ambientais, temas geradores de significados. Como bem pontua Gonzalez Rey (2004), a aprendizagem é uma ação singular, em que o sujeito atribui sentido às suas aprendizagens.

## Considerações finais

O trabalho com as questões ambientais no dia a dia escolar, mais do que uma obrigação formal, propõe-se como uma exigência do mundo contemporâneo. As obras de Monteiro Lobato mostram cenários ‘naturais’, sobre os quais se discutem os modos de endereçamento, a dicotomia tantas vezes assumida entre alta e baixa cultura, bem como trazem situações que envolvem e colocam em oposição o urbano e o rural, o global e o local. E com as representações de natureza, que a configuram ora como ameaçadora, ora como ameaçada em muitos desses episódios.

O Sítio do Pica-Pau Amarelo se constitui a partir de diálogos e imagens, e nesse processo produz novas relações de linguagens, novos signos visuais, verbais, outras representações do mundo real, da natureza e da relação homem/meio, representações capazes de criar novos conhecimentos.

Essas contribuições fazem ponderar que os conhecimentos produzidos por meio do trabalho com a obra de Monteiro Lobato participam dos processos de significação associados à fábula, à imaginação e à invenção. Eles não funcionam como um desenho, ou cópia de um campo cultural único, ou ainda suposto como original.

Nesse processo de significação produzem-se representações culturais sobre a natureza, a cultura e as interferências humanas, criando novos significados em relação aos diferentes ambientes. No que tange aos resultados do trabalho com as obras de Monteiro Lobato, é válido ressaltar as possibilidades como produções literárias, dramatizações, conhecimento dos aspectos da fauna e flora brasileira, além das lendas, mitos e fantasias, que contribuem para a assimilação de conceitos e aprendizagens significativas sobre o meio natural e cultural da criança.

#### Referências

ALMEIDA, F. J; FONSECA, J. F. M. *Projetos e ambientes inovadores*. Brasília: MEC/SEED/Proinfo, 2000.

BARROS, M. de. Lides de Campear. In: *Gramática Expositiva do Chão* (Poesia Quase Toda). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1990.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Proposta de diretrizes do programa nacional de informática na educação. Brasília: PROINFO, 1997. Disponível em:

<<http://www.proinfo.gov.br/>>. Acesso em: 25 jul. 2010.

GONZALEZ REY, F. *Subjetividade, complexidade e pesquisa em Psicologia*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.

GONZALEZ REY, F. O sujeito, a subjetividade e o outro na dialética complexa do desenvolvimento humano. In: SIMÃO, Livia M.; MITIJÁNS, Martinez, A. (Org.) *O outro no desenvolvimento humano: diálogos para a pesquisa e a prática profissional em psicologia*. São Paulo: Thomson, 2004.

- GONZÁLEZ REY, F. *Sujeito e subjetividade: uma aproximação histórico-cultural*. São Paulo: Thomson, 2003.
- GONZALEZ REY, F. *La investigación cualitativa en psicología: rumbos y desafíos*. São Paulo: EDUC, 1999
- LEONTIEV, A. N. Uma contribuição para a teoria do desenvolvimento da psique infantil. In: VYGOTSKY, L. S. et al. *Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem*. São Paulo: Ícone/Edusp, 1988.
- LEONTIEV, A. N. O homem e a cultura. In: *O desenvolvimento do psiquismo*. Lisboa: Livros Horizonte, 1978.
- LOBATO, M. *Caçadas de Pedrinho*. Ilustrações de Paulo Borges. São Paulo: Globo, 2008.
- LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 2004.
- MONTENEGRO, M.; MARTINEZ, A. M. A teoria da subjetividade de Gonzales Rey e a educação. In: *Anais do Encontro de Pesquisa em Educação da ANPed Centro Oeste*. Brasília, 2008.
- MOSCOVICI, S. *A representação social da psicanálise*. Trad.: Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.
- REGO, T. C. *Vygotsky: uma perspectiva Histórico-Cultural da Educação*. Rio de Janeiro, Vozes, 2002.
- SÍTIO do Pica Pau Amarelo. *Memórias de Emília e Caçadas de Pedrinho*. Diretor Márcio Trigo. Produção de Cláudio Lobato. et al. Rio de Janeiro: Editora Globo, 2001. DVD/ NTSC, 208 min. Colorido. 1 DVD.
- URT, S. C. O não-silenciado nos discursos das (os) professoras (es) das escolas pantaneiras. In: XIII ENDIPE, Recife. *Anais do XIII ENDIPE*, 2006. v. 1. p. 1-13.
- VYGOTSKY, L. S. *Psicologia pedagógica*. Porto Alegre: Artmed, 2003.
- VYGOTSKY, L. S. *Pensamento e linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1987.
- VYGOTSKY, L. S. *Psicologia da arte*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

---

NOTAS

<sup>i</sup> Quando aqui se faz referência ao homem pantaneiro, consideram-se as pessoas que vivem no pantanal, homens, mulheres e crianças que têm modos de vida particulares, considerando que até mesmo a educação segue a sequência natural da região.

<sup>ii</sup> 1ª Versão da obra lançada em 1933 *Caçadas de Pedrinho* teve origem no livro *A caçada da onça*.

<sup>iii</sup> Grifo nosso: O natural representado na obra, e aqui entendido por nós, como um lugar não habitado pelo homem.

Sobre a autora:

*Solange Andrade Ribeiro* é Mestre em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (PPGEdu/UFMS); especialista em Mídias Integradas a Educação pela UFMS/EPROINFO (2009-2010). É professora na Educação Especial – sala de Recursos Multifuncionais. Professora de apoio da Secretaria Estadual de Educação. É bolsista CAPES, pesquisadora do Grupo de Estudos e Pesquisas em Antropologia e Sociologia da Educação - (GEPASE). Atua como Orientadora Acadêmica à Distância (Tutora EaD da UFMS).

*Recebido em: 28/5/2012*  
*Aprovado em: 30/9/2013*